



SPG04 - Análises de trajetórias e uso de dados biográficos nas Ciências Sociais
Coordenação: Elisa Klüger (CEBRAP), Eduardo Vilar Bonaldi (UFSC)

Quando me tornei feminista?
O feminismo nas trajetórias de antropólogas mexicanas

Gabriela Pedroni
Mestranda em Antropologia UFSC e Bolsista CAPES

Florianópolis, agosto de 2019.

INTRODUÇÃO¹

A pesquisa que venho desenvolvendo no mestrado tem como tema geral a Antropologia Feminista Mexicana, a qual tem como objetivo mapear e conhecer as antropologias feministas que são realizadas no México, como forma de propiciar uma descolonização do pensamento dentro da área de estudos de gênero na antropologia brasileira e fortalecer a articulação feminista entre a antropologia brasileira e mexicana. A partir do trabalho de campo no México e da entrevista com antropólogas feministas, busco compreender as suas trajetórias pessoais na produção dessa forma de saber. Focar nas antropólogas mexicanas feministas é uma tentativa de compreender a formação e consolidação desse campo acadêmico no país, bem como entender os desafios e conquistas da antropologia no México contemporâneo através de suas trajetórias.

Uma das minhas perguntas para as entrevistas com antropólogas feministas no México foi “*quando você se definiu feminista e como foi esse processo?*”. Talvez uma das perguntas mais difícil de ser respondida. Quando uma das interlocutoras me devolve essa pergunta voltei toda a minha trajetória política e acadêmica para descobrir que não tinha uma resposta objetiva para a pergunta que eu mesma elaborei.

Particularmente para mim a definição como feminista passou por um longo processo de aproximação das ideias feministas, de contato com outras pessoas que se identificavam assim e pela prática em um grupo de extensão universitária que atuava nesse sentido. Entendo que a participação nesse grupo e a articulação com outras feministas foi um ponto nodal para essa autoafirmação, apesar de existir outros elementos que corroboraram para minha definição. Ademais, a universidade se colocou como essa instituição que propiciou a aproximação com teorias críticas e que problematizavam vários aspectos da sociedade, incluindo o campo de gênero, afirmo isso porque também para as antropólogas com quem tive contato a universidade aparece como um espaço

¹ Essa pesquisa foi desenvolvida graças à bolsa de mestrado da CAPES, sem a qual não seria possível a realização da minha formação acadêmica e da minha pesquisa de campo no México. Ademais, esse artigo foi construído a partir da colaboração presente da minha orientadora Miriam Pillar Grossi, bem como através dos diálogos com os integrantes do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades, em nossos encontros nos Seminários de Teses. Um agradecimento especial para Marines Rosa e Tatiele Mesquita Correa.

articulador e perpassa as suas trajetórias de forma mais ou menos evidente para essa autodefinição, isto é, está sempre presente no decorrer desse processo.

É, portanto, a partir dessa pergunta que recorto uma parte da minha pesquisa de mestrado para esse trabalho. Assim, esse artigo busca focar nas trajetórias de antropólogas feministas mexicanas para entender em que momento as pesquisadas se definiram como feministas; como se deu esse processo e qual o impacto em suas vidas. Como falei anteriormente, essa definição é processual, não ocorre de forma automática, porém pincei certos elementos que destacam momentos e situações sociais que contribuíram para a entrada no feminismo.

Nesse sentido, mais do que descrever como foi esse processo para cada uma delas, procurei criar categorias abrangentes para descrever processos semelhantes de entrada no feminismo. As categorias que estou utilizando para descrever o campo da antropologia feminista no México e a autoidentificação enquanto feministas dessas antropólogas são eminentemente teóricas e incompletas. Não abarcam, portanto, toda a vivência dessas mulheres com suas trajetórias, mas é uma tentativa de encontrar o geral no particular. É um salto teórico que tento realizar para explicar distintas trajetórias que são moldadas por elementos sociais mais abrangentes da realidade mexicana, e do feminismo mexicano em específico. Para tanto, me inspiro teoricamente nos ensinamentos de Gilberto Velho (1994) a respeito das categorias de *trajetórias* e *projetos*, em que há uma intersecção entre processos mais objetivos, em que precisa ser levado em consideração o campo de possibilidades em que cada antropóloga está inserida, mas que também evidencia a importância de elementos subjetivos na construção de suas carreiras e de suas identidades.

Lembrando os ensinamentos de Claudia Fonseca (1998), no artigo “Quando cada caso não é um caso”, busco no dado particular abrir caminho para interpretações abrangentes, entendendo aquilo que encontrei na pesquisa de campo não se trata de elementos individualistas para pensar nas antropólogas como inseridas em meios sociais que propiciaram essa entrada ao feminismo de distintas maneiras. É a partir da autora que me inspiro para a criação de modelos explicativos, lembrando sempre que esses modelos são criações abstratas, que nos ajudam a trazer sentido para o que estamos estudando, “em outras palavras, nossos modelos vão ser uma simplificação grosseira da realidade” (FONSECA, 1999, p. 76).

Além disso, me inspiro na teoria de Max Weber a respeito da criação dos instrumentos teóricos que são os *tipos ideais*. Esse instrumento serve para que se trace um perfil logicamente controlado para a explicação da realidade social, os tipos ideais não correspondem perfeitamente à realidade social, sendo impossível encontrá-lo empiricamente. É a criação de um quadro ideal, em que algumas características são acentuadas em detrimento de outras, não se trata de uma média de elementos encontrados na realidade, mas de uma utopia, uma abstração (WEBER, 1991).

Obtém-se um tipo ideal mediante a acentuação unilateral de um ou vários pontos de vista, e mediante o encadeamento de grande quantidade de fenômenos isoladamente dados, difusos e discretos, que se pode dar em maior ou menor número ou mesmo faltar por completo, e que se ordenam segundo os pontos de vistas unilateralmente acentuados, a fim de se formar um quadro homogêneo de pensamento, [...] (WEBER, 1991, p. 106).

Deste modo, utilizo as categorias como um ensaio teórico para explicar como ocorrem diferentes formas de entrada no feminismo pelas antropólogas que entrevistei. Talvez a maioria delas não se encaixa exatamente em nenhuma desses abstrações que criei, ou ainda, se encaixam em mais de uma ou em todas ao mesmo tempo. Alerto, portanto, que se trata de esquemas que não se baseiam em uma antropóloga específica, mas são características que elegi para a explicação desse fenômeno. Sem dúvida que a base para essa abstração está não apenas nas entrevistas que realizei como também nos dados etnográficos e na literatura sobre o tema.

Por conseguinte, apresento três categorias de entrada no feminismo:

- a) *Feminismo de Esquerda;*
- b) *Feminismo acadêmico;*
- c) *Feminismo indígena.*

Se essas categorias formam unidades de distinção entre elas, encontrei um ponto que unifica elas: o engajamento. Esse engajamento ocorre de distintas maneiras, mas o contato com a teoria feminista projeta outra forma de antropologia, que tem como intenção modificar a realidade de alguma maneira. A seguir descrevo sinteticamente a metodologia que utilizei para a pesquisa e em seguida apresento os três modelos explicativos que utilizo, por fim, encerro o artigo com uma reflexão sobre o engajamento.

METODOLOGIA

Em primeiro lugar, gostaria de destacar que a perspectiva teórico-metodológica que baseia essa pesquisa busca considerar a minha posição enquanto antropóloga na elaboração desse conhecimento. Sendo que a minha subjetividade, as minhas características, o meu corpo também são elementos importantes nessa construção, penso isso a partir de um processo de apagamento dos corpos nas pesquisas, que tem como marca o androcentrismo, conforme Grossi (2018). Deste modo, a minha pesquisa não se reveste de neutralidade, sendo que minhas formas de ver o mundo também influenciam não apenas a escolha desse tema, como também a elaboração desse trabalho. Procurarei transmitir através da minha pesquisa e da minha escrita é localizado, conforme formulado por Donna Haraway (1995), em que a localização da pesquisadora se faz essencial para um conhecimento objetivo. Entendendo que partirei de uma perspectiva parcial, que não terá o interesse de ser universal e universalizante, mas que perpassa o conceito de objetividade como algo que diz respeito à corporificação específica e particular. Assim, procuro evidenciar desde já o local desse conhecimento: parte de uma antropóloga, feminista, branca, lésbica, latino-americana, brasileira.

As principais metodologias utilizadas para esse trabalho foram a observação participante e a entrevista com quinze antropólogas feministas mexicanas. Em relação à observação participante, abrangida pela experiência de pesquisa etnográfica, tem como influência a concepção de Roberto Cardoso de Oliveira (2004) que a definiu como um processo de “olhar, ouvir e escrever”. A observação participante foi realizada durante três meses no México, principalmente na Cidade do México e duas semanas em San Cristóbal de Las Casas, de forma mais intensificada nas principais instituições de ensino de antropologia de cada cidade, nas atividades acadêmicas e nos circuitos universitários de modo geral.

As entrevistas buscaram conhecer as trajetórias dessas antropólogas dentro da antropologia mexicana, para compreender em que momento as pesquisadas se definiram como feministas, como se deu esse processo e qual o impacto na sua carreira. Para tanto, as entrevistas colocam em perspectiva as histórias de vida dessas pesquisadoras, atentando para o que Bourdieu chamou de *ilusão biográfica*, em que as pessoas constroem e reconstroem sentidos para as suas trajetórias a partir do contexto em que

estão narrando (BOURDIEU, 2006). Além disso, procuro entender as entrevistas como eventos comunicativos, seguindo Charles Briggs (1986), uma vez que não se trataria de uma entrevista restrita a perguntas e respostas em que todos os significados são ali encontrados, mas que a própria entrevista é uma forma de aproximação ao mundo da Outra e suas percepções. Neste sentido, destaco a característica de compreender que as entrevistas não trazem automaticamente os sentidos procurados pela pesquisa, mas que esse é um dos elementos que contribuem para a compreensão do campo.

FEMINISMO DE ESQUERDA

Refletindo sobre como elas entraram no feminismo, para a primeira categoria denominei feminismo de esquerda. Esse primeiro “tipo ideal” de entrada no feminismo se caracteriza por (a) uma aproximação com o feminismo posteriormente ao engajamento com movimentos sociais de esquerda, (b) pela influência do marxismo em suas formações intelectuais, (c) por um momento histórico em que o feminismo ainda não se encontrava institucionalizado dentro da academia mexicana e, portanto, (d) pelo pioneirismo na construção do campo feminista no seio da antropologia. As antropólogas que inspiraram a criação desta categoria foram três, todas com mais de 60 anos, brancas, reconhecidas pelas demais antropólogas como precursoras na antropologia feminista e na criação de espaços importantes no interior da academia para essa produção intelectual.

Cabe destacar que há um recorte temporal que unifica essas antropólogas, uma vez que se trata de mulheres com mais de sessenta anos que tiveram uma forte influência dos movimentos contestatórios e críticos que eclodiram na década de 1960. Em particular, o movimento estudantil de 1968 teve um papel crucial para entender o contexto político, social e acadêmico em que essa categoria de antropólogas estavam inseridas. Esse movimento foi um movimento que iniciou em razão de uma briga entre estudantes universitários e da preparatória², mas que gerou uma repressão policial extrema que acabou por mobilizar de forma muito intensa todo o corpo estudantil. Com o

² No México, o sistema educacional que equivale ao ensino médio é dividido em dois: a normal e o preparatório. A primeira é uma formação para a atuação como professores do ensino básico, o que eu comparo com o magistério que existia aqui no Brasil, enquanto a preparatória volta-se para a formação de estudantes que irão posteriormente ingressar nas universidades. Algumas universidades só aceitavam alunos que tinham realizado o preparatório.

passar dos dias o movimento foi tomando novas formas e aplicando, confrontando o Estado Mexicano e seu caráter antidemocrático e violento³.

Y fue un movimiento político, estudiantil, popular. Tuve temas y dimensiones como la academia, el derecho laboral dos trabajadores, las libertades democráticas era lo que definió nuestro movimiento. Y teníamos la idea de que nuestro movimiento era tan fuerte que íbamos a sacar a los presos políticos de la cárcel, cosa que sí fue cierto años después. Pero ese movimiento me marcó la vida como a todos que lo vivimos, porque fue reprimido por un gobierno terriblemente autoritario y, bueno, antidemocrático que no, en vez de reconocer el movimiento estudiantil y dialogar con este movimiento, lo que hizo fue reprimirlo. Y contar que tanques ocuparon la ciudad universitaria y nuestras escuelas. Es terrible cuando ves esto, siento terrible cuando recuerdo los tanques en la ciudad universitaria (Entrevista nº 7).

Esse momento de intensa produção intelectual contestatória não ficou restrito aos movimentos sociais, também no interior da antropologia se formou um grupo de antropólogos que estavam engajados em construir uma nova antropologia. É nesse contexto que houve uma intensa crítica ao indigenismo mexicano⁴, que se caracterizava por uma posição dos antropólogos e do Estado Mexicano de tentar incorporar os povos indígenas na “sociedade mexicana”. Desta forma, o viés crítico da antropologia procurou denunciar essa forma de fazer antropologia, procurando entender as populações indígenas como dotadas de particularidades que não deveriam ser tolhidas, em seu lugar deveria haver um respeito por sua diversidade cultural, linguística e social.

Essas antropólogas então se engajam dentro desses movimentos intelectuais do período em suas diferentes correntes, sendo através desses movimentos que formam um embasamento teórico a partir do marxismo. O ideal socialista de sociedade, o pensamento marxista e o pensamento antropológico crítico ao indigenismo permeiam, de

³ “Con el paso de los días, el movimiento fue tomando nuevas formas, ampliándose y volviéndose complejo. Las demandas de los estudiantes terminaron concretándose, a través del pliego petitorio del Consejo Nacional de Huelga (CNH), en seis puntos: 1. Libertad a los presos políticos; 2. Destitución de los generales Luis Cueto Ramírez, Raúl Mendiola, y del teniente coronel Armando Frías; 3. Extinción del Cuerpo de Granaderos, y no creación de cuerpos semejantes; 4. Derogación de los artículos 145 y 145 bis del Código Penal Federal; 5. Indemnización a las familias de los muertos y heridos; 6) Deslindamiento de responsabilidades de los actos de represión y vandalismo por parte de las autoridades a través de la policía, el cuerpo de granaderos y el ejército.

Marchas y mítines fueron el centro del movimiento, mientras la respuesta del gobierno de Gustavo Díaz Ordaz (del Partido Revolucionario Institucional, PRI) fue la represión. Si bien no todos los estudiosos del tema están de acuerdo, muchos consideran que aunque el movimiento continuó hasta el 6 de diciembre de 1968 (disolución del CNH), su esplendor se vivió entre agosto y septiembre. Y casi todos concuerdan con la idea de que el 2 de octubre habría significado su fin, debido al notable descenso en la participación popular.¹¹ Un final que dejaría marcada la memoria del proceso con "represión y sangre".” (ALLIER MONTANO, 2009, p. 291/292)

⁴ Uma das produções antropológicas que marcou essa época foi o livro intitulado *De eso que llaman antropología mexicana*, o qual retrata esse período da antropologia crítica.

forma mais ou menos intensas, suas formas de fazer antropológicos. É então, a partir dessa bagagem teórica contestatória que começam a incorporar as ideias feministas.

segundo Eli Bartra, o movimento estudantil de 1968 foi muito importante para o surgimento do movimento feminista no México, com muita frequência se diz que o feminismo dos anos 70 teve como antecedente direto o movimento de 1968. Para a autora, o que é evidente é que as mulheres tiveram um papel secundário nesse movimento estudantil, fato que contribuiu para perceberem a sua subalternidade. De outro modo, essa influência se deu porque as mulheres que iniciaram o movimento de liberação das mulheres tinham participado desse movimento estudantil ou estavam muito próximas a ele (BARTRA, 2002). Essa característica também está presente nas antropólogas entrevistadas, que de fato estavam atuando no movimento estudantil de 1968, um momento de rebeldia juvenil que possibilitou o questionamento das normas estabelecidas e, com isso, trouxe a contestação da “condição da mulher na sociedade”.

El feminismo que apareció en México en 1970 fue el resultado del agotamiento del modelo de desarrollo estabilizador, el cual respondió también a la ebullición de nuevas ideas en el seno de las elites intelectuales y de un crecimiento importante de la izquierda mexicana; además, fomentada y planeada como reacción a los sucesos de 1968, en el país se propició una apertura política democrática, que buscaba cooptar a la oposición y que favoreció la organización de sindicatos y movimientos sociales independientes del control oficial, organismos en los cuales las feministas intentaron incidir. (LAU, 2002, p. 15)

Nessa época que se inicia uma nova fase no México de um movimento feminista (ou neofeminista como colocado por Eli Bartra⁵), que resultou da confluência de dois fatores: em primeiro lugar, pela produção de uma consciência cidadã a partir das demandas de democratização geradas pelo movimento estudantil de 1968, e, em segundo lugar, pela influência progressiva do feminismo estadunidense. É característica desse período a articulação das mulheres em pequenos grupos de autoconsciência, em que coletivamente discutiam sobre as suas experiências cotidianas de marginalidade e opressão (SERRET, 2000). Esses grupos, de um modo geral, eram compostos por

⁵ Eli Bartra escreve que o neofeminismo se caracteriza pela nova onda que surgiu pela luta das mulheres por seus direitos que ressurgiu na década de 1960 e princípios de 1970, em que continuam as reivindicações a favor dos direitos políticos e sociais das mulheres, com ênfase no direito ao voto, em continuidade as lutas que existiram no século XVIII e XIX e na primeira metade do XX. Mas o neofeminismo também avança uma rebelião por outros muitos direitos, como a luta pela conquista da liberdade sobre o próprio corpo, a despenalização do aborto, a reivindicação pela sexualidade feminina com formas de prazer próprias e específicas, um amplo manifesto contra os abusos sobre o corpo feminino. (BARTRA, PONCELA & LAU, 2002)

mulheres da classe média, mais ou menos ilustradas, em que as ideias feministas chegam através da via intelectual. Apesar de alguns desses grupos nascerem no seio dos movimentos de esquerda da época, era uma característica deles a autonomia, uma vez que elas se reuniam em grupos apartados em que a presença masculina não era permitida (BARTRA, PONCELA & LAU, 2002).

[...] hicimos un seminario en el Partido Comunista, entonces como no teníamos, las comunistas feministas estaban muy mayores, entonces lo hicimos autodidacta. Bueno, en un breve tiempo, como sesenta mujeres comunistas de diferentes locales (enfermeras, estudiantes, trabajadoras diversas, sindicalistas) nos juntamos para eso. Y claro, todas muy sensibilizadas, nos descubrimos el paraíso de las mujeres que era el feminismo. Además como hicimos un grupo autodidacta cada una preparaba un tema, buscábamos bibliografía, claro siempre primero buscando ¿qué dijo Marx? ¿qué dijo Rosa Luxemburgo? O sea, siempre fuimos fieles a nuestros ideólogos (Entrevista nº 7).

Para as antropólogas estudadas, o contato com as ideias feministas ocorrem no interior desses grupos políticos em que estavam inseridas⁶, principalmente a partir de teóricas que produzem sobre o feminismo a partir do marxismo. É no interior desses grupos que elas passam a formar pequenos grupos de autoconsciência, tendo como elemento agregador a situação das mulheres, a liberdade sexual, o corpo, a desigualdade em relação aos homens.

Abrigadas en el marxismo, se organizaron a partir de grupos de autoconciencia, similares a los de sus congéneres estadounidenses, esgrimieron el lema "lo personal es político" y se dispusieron a leer, a conocer y a analizar todo aquello que les concernía y les era cercano, como el cuestionamiento del sexismo y el androcentrismo en sus varias manifestaciones, presente en el trabajo, la casa, la escuela y la vida cotidiana. (LAU, 2002, p. 18)

Para essa categoria de antropóloga feminista, uma das dificuldades de adentrar ao movimento feminista foi a sensação de que dividiriam a classe trabalhadora. Assim, se coloca uma questão de dupla militância, isto é, participavam do movimento feminista e ao mesmo tempo de algum partido político ou sindicato (LAU, 2002). Nesse momento, a solução para essa sensação de traição ou divisão da luta se dá pela produção intelectual de feministas marxistas, tais como Rosa Luxemburgo e Alejandra Kollontai.

Entre os anos de 1970 e 1976 se constituíram organizações de luta pelos direitos das mulheres: *Mujeres en Acción Solidaria* (MAS, 1971), *Movimiento Nacional de Mujeres* (MNM, 1973), *Movimiento de Liberación de la Mujer* (MLM, 1974), *Colectivo*

⁶“La mayor parte de estas incipientes militantes feministas provenían de una cultura de izquierda –que en México tenía una vinculación muy estrecha con los partidos, en la época básicamente el PC [Partido Comunista] y el PRT [Partido Revolucionário dos Trabalhadores]” (Serret, 2000, p. 47)

La Revuelta (1975) e o *Movimiento Feminista Mexicano* (MFM, 1976) (LAU, 2002) . Muitos desses grupos participaram da Conferência do Ano Internacional da Mulher, organizada pelas Nações Unidas, que aconteceu no ano de 1975 no México, que foi uma influência internacional importante para o desenvolvimento do movimento no país e se coloca como um marco histórico dessa luta. Além desses movimentos sociais organizados, as feministas dessa época também foram criadas organizações que tinham a intensão de atuar de forma prática e concreta na luta pelos direitos das mulheres, quais sejam: o *Centro de Apoyo a Mujeres Violadas* (CAMVAC) e também o *Colectivo de Ayuda a la Empleada Doméstica* (CASED). Esses dois órgãos foram criados com a participação de uma das antropólogas entrevistadas, que conta o seu caráter ativista para a criação uma vez que se mantinha basicamente com recursos do próprio movimento social e de suas integrantes. Ademais, a antropóloga relembra saudosamente o seu início, em que não existiam hierarquias na sua organização, pelo contrário, se tratava de uma dinâmica horizontal.

Se no âmbito ativista esse período foi muito frutífero para o feminismo mexicano, no âmbito acadêmico também começam a se proliferar formas de abertura para o debate em termos intelectuais. Sem dúvida que as antropólogas feministas pioneiras tiveram um papel fundamental na abertura desse campo dentro da academia. Nesse quesito, considero importante mencionar a criação da Revista *fem*, fundada em outubro de 1976, que trouxe uma possibilidade de divulgação teórica da produção intelectual das feministas, e, por conseguinte das antropólogas feministas.

Por otra parte, el movimiento comenzó a ser ampliamente retroalimentado por la presencia creciente del feminismo en instituciones de educación superior, desde donde se empezó a generar un mayor reconocimiento hacia la problemática de la subordinación de género, pero, sobre todo, se fueron creando espacios de discusión, definición y producción teórica que habrían de revelarse indispensables para reconfigurar las propias metas trazadas. (SERRAT, 2000, p. 49)

Em um primeiro momento essa influência acadêmica ocorria de maneira individual, enquanto professoras universitárias passavam a dar disciplinas sobre feminismo, ainda que nessa época tais referências fossem encobertas por termos mais neutros como: a questão da mulher, gênero, sexualidade, mas que no fundo tinham também como embasamento teórico o feminismo. Com o tempo, esse engajamento abriu caminho para a criação de centros de investigação, pós-graduações na área, cursos de especialização e, atualmente, conta inclusive com um doutorado de estudos feministas.

Essa institucionalização do feminismo não ocorre de maneira rápida como uma criação de um grupo de autoconsciência, mas estas foram as sementes para a articulação e construção desses espaços. São, assim, essas antropólogas feministas pioneiras que começam a desbravar o espaço acadêmico com as teorias feministas.

Portanto, a autodefinição enquanto feministas para essas antropólogas ocorrem em um momento histórico de eclosão do movimento feminista no México, além disso, essa autodefinição ocorre principalmente entre os pares, isto é, através dos grupos de autoconsciência que começam a problematizar a questão da mulher. Por serem as pioneiras nessa conjunção de antropólogas e feministas são elas que abrem caminho na academia para as próximas gerações. São estas antropólogas feministas que criam condições para o descobrimento do feminismo no interior da academia pelas intelectuais que se enquadram na categoria a seguir.

FEMINISMO ACADÊMICO

Em relação a essa categoria de antropólogas feministas o que as caracteriza é (a) o contato com o feminismo através da academia, em um contexto de institucionalização crescente do campo feminista; (b) participação na abertura da universidade em relação ao feminismo; (c) a militância feminista dentro e fora da universidade.

Essa foi a categoria em que agrupei o maior número de entrevistadas, foram ao total nove antropólogas feministas, o que torna evidente que as características que descrevo aqui não traduzem a realidade de cada uma delas, mas são produzidas pelos elementos comuns que são encontradas em sua maioria. Essas antropólogas são de uma geração seguinte em relação às antropólogas da categoria anterior, são mulheres entre os quarenta e sessenta anos que tiveram a sua formação acadêmica a partir da década de 1980. Deste modo, em maior ou menor grau, elas tiveram contato com professoras feministas na sua formação, participaram de linhas de pesquisa sobre antropologia da mulher e/ou de gênero que começavam a surgir, além de serem contemporâneas das primeiras especializações e pós-graduações na temática. Apesar de uma maior incidência do feminismo acadêmico, essas antropólogas também estão abrindo caminho no interior da universidade para os estudos feministas - não se trata, portanto, de um campo já consolidado.

Individualmente os processos da autodefinição como feministas ocorreram de diferentes formas e em diferentes períodos da vida das entrevistadas, sendo bastante diversa a forma como o feminismo toca cada uma delas. Apesar dessa aparente singularidade, um dos elementos que considerei fundamental para a criação de uma única categoria foi o papel central que o feminismo acadêmico teve para essa definição. Algumas delas se definiam como feministas antes de terem contato com as teorias feministas na academia, outras tiveram contato pela primeira vez em disciplinas, algumas se tornaram feministas a partir de grupos de autoconsciência, outras despertaram o viés feminista por textos. Porém, para todas elas a academia foi um *locus* fundante nas suas trajetórias para que conhecessem, aprofundassem e compartilhassem os ideais feministas.

Es innegable que sin el movimiento de liberación de la mujer estos estudios [de la mujer] probablemente no hubieran surgido. Sin embargo, el vínculo se ha dado de dos maneras: en forma directa y en forma indirecta. Esto quiere decir simplemente que en el primer caso las mujeres que participamos personalmente en el movimiento feminista, en un momento dado creamos en las universidades los estudios de la mujer; en gran medida quisimos dejar de vivir esa especie de esquizofrenia o doble vida, en la que por un lado estaba el trabajo profesional y por el otro, sin que tuviera nada que ver con él, la militancia en el movimiento de liberación de la mujer. En el segundo caso, la forma indirecta se da cuando las ideas, los intereses y las luchas del movimiento feminista “contagiaron”, principalmente por la vía intelectual, a algunas mujeres de la academia (sin que ellas hubieran participado jamás en el movimiento feminista) y pensaron que sería importante contemplar a las mujeres en sus investigaciones y en su docencia. (BARTRA, 1999, p. 227)

Essas duas maneiras de chegar aos *Estudos da Mulher*⁷ estão presentes nas antropólogas feministas mexicanas dessa categoria. Ou chegam nesses estudos pelo movimento feminista, ou as ideias do movimento feministas chegam até elas pela via acadêmica. De todo modo, a academia é o elemento agregador, por isso, considero importante entender o contexto histórico do movimento feminista mexicano e o desenrolar deles nesse período.

Em relação ao movimento feminista mexicano na década de 1980 há certa estagnação, em que poucas jovens adentravam ao movimento, ou seja, ele continuava com as mesmas mulheres que entraram na luta na década anterior. Contudo, é nesse

⁷ Para saber mais sobre as categorias de Estudos da Mulher, Estudos de Gênero e Estudos Feministas ver: Goldsmith, Mary. Debates antropológicos en torno a los estudios sobre la mujer, en *Nueva Antropología* (30): 149-171, 1986 e Goldsmith, Mary. Antropología de la mujer: ¿antropología de género o antropología feminista, en *Debate feminista* (6): 341-3, 1992.

período em que se inicia o processo de ONGização⁸ e institucionalização do feminismo, que é uma característica marcante da década seguinte (BARTRA, 1999).

En la década de los noventa el feminismo se institucionaliza plenamente en organismos gubernamentales, no gubernamentales e instituciones académicas. Había entrado en la academia en años anteriores, pero es en esta época cuando cobra un cierto poder y se puede decir que, en alguna medida, se legitima. Esto significa, al mismo tiempo, que se produce el fenómeno de la profesionalización del feminismo. Surgen las feministas profesionales. Trabajan para el feminismo y viven de él. Durante los primeros años se vivía para la lucha feminista; en los noventa, se vive de ella (BARTRA, 1999, p. 220)

Também dentro dessa categoria algumas antropólogas que adentram ao movimento feminista a partir da academia, depois de formadas passam a atuar em ONGs, em órgãos estatais voltadas a promoção dos direitos das mulheres. É uma forma de atuação da antropologia que extrapola os meios universitários, buscando intervir na sociedade de uma forma mais direta.

Dentro da academia mexicana esses estudos começam a surgir, assim como no Brasil, embaixo do guarda-chuva chamado *Estudos da Mulher*, a expressão estudos de gênero será utilizada posteriormente e estudos feministas, especificamente, de modo muito mais recente⁹. Primeiramente, esses estudos começam de maneira informal, com aulas e cursos que sequer tinham certificação, mas que ao longo dos anos vai cada vez mais se institucionalizando (e, com isso, se burocratizando também).

Dentro da antropologia esse fenômeno também passa a ocorrer, sendo que para muitas antropólogas feministas o contato com a teoria feminista se deu, sobretudo, na academia. Diferente da categoria anterior em que o feminismo entra na vida dessas mulheres através, quase exclusivamente, da militância em movimentos, para essa categoria a academia se torna um lugar de acesso a esse debate de forma intelectual.

Nesse sentido, o processo de identificação enquanto feminista se dá a partir do contato com teorias feministas no seio da universidade. A partir de disciplinas, do contato com professoras, da formação acadêmica nesses institutos. Por conseguinte, trata-se de mulheres que estavam realizando a sua formação, em diferentes níveis, da

⁸ Algunas cifras muestran la dinámica del crecimiento de los organismos civiles feministas: en 1975 apenas 71 ONG decían tener reivindicaciones de género, en 1991 esta cifra era más del doble (147); en 1994, el Programa de Salud Reproductiva de El Colegio de México registró alrededor de cien organismos civiles que trabajaban tan sólo en esta área, claramente identificada con aspiraciones feministas. El auge del oenegismo feminista se dio entre 1985-1987 y en los primeros años noventa (ESPINOSA, 2009, p. 201)

graduação ao pós-doutorado, e que ao realizarem uma disciplina, lerem textos feministas, ou ainda, terem uma professora feminista começaram a se moldar como feministas.

Y bueno con todos los problemas me desperté la consciencia. De alguna manera, yo nunca había cuestionado ni el machismo, ni el patriarcado. Y mi marido que era más fuerte, quería una mujer absolutamente sumisa. pero cuando comencé a estudiar mis propios intereses entre en contradicción con el matrimonio y lo que serían mis obligaciones como esposa. Entonces, eso me llevó a cuestionar todo, fué un cuestionamiento así fantástico, pero al mismo tiempo cuando iba terminando la carrera, llegó a la Escuela de Antropología una feminista que se llama Elizabeth Mayer [...] Y yo tomé doce clases con Elizabeth.

G: Y el curso era de qué?

E: Textos clásicos del feminismo, entonces leíamos desde Simone de Beauvoir hasta otra que no son muy conocidas. Ella nos enseñó la escuela italiana, leímos muchas cosas que a mí me abrió el mundo. Y que me daban respuestas a lo que yo estaba viviendo. Que yo pienso que no se puede entrar en el feminismo si no lo encuentras, porque yo creo que de otra manera no se puede. Yo, a mí me hizo un clic, ahí me quedé enganchada. Con ella empecé mi investigación de mi tesis de licenciatura que yo terminé muchos años después, porque todavía tenía mi cuestión de pareja, nos peleamos, nos contestamos, muchas complicaciones, pero yo ya me enganché como feminista y ahí me quedé. [Entrevista nº 2]

Essa entrevista retrata um pouco do que estou tentando demonstrar, em que a antropóloga que estava fazendo a sua graduação começa a se questionar em relação ao machismo vivenciado em seu cotidiano, porém é a partir de uma disciplina específica que encontra elementos teóricos que explicam o que estava vivendo (o que demonstra o caráter pessoal e político do feminismo). Depois do “clic” passa não apenas a incorporar o feminismo em sua trajetória pessoal como também academicamente através da produção de investigações no diálogo com o campo feminista.

De outro modo, algumas antropólogas dessa categoria se definem enquanto feministas a partir de interações com os movimentos sociais feministas, isto é, esse “clic” não ocorre através de uma disciplina.

Yo soy feminista desde hace muchos años, comencé a militar entre los 18 y 20 años en el primer colectivo de feminista de provincia en México, que se llamaba Colectivo Feminista Venceremos. Pues había entrado a los estudios preparatorios [...] ahí comencé a militar en el feminismo. (Entrevista nº 1)

O coletivo em que essa antropóloga participou (apesar de ser antes de ingressar de fato na universidade) tinha em sua composição basicamente por estudantes universitárias, principalmente das graduações nas áreas de humanas. Esse grupo que ela descreve era um grupo de autoconsciência, assim como aqueles realizados na década de 1970 que abordou na categoria anterior. Assim, apesar de ter a sua inserção no movimento feminista desde muito jovem e antes de entrar na universidade, esse espaço está presente no

diálogo com as mulheres que participavam desse coletivo. Entendo, portanto, que apesar de ser distinto de uma entrada no feminismo a partir da academia de forma mais formal, ainda assim a universidade perpassa a sua entrada no feminismo.

Ademais, as antropólogas dessa categoria são as que incorporam os estudos feministas em suas investigações, contando neste momento com orientações de professoras feministas que já faziam parte do quadro da universidade. São elas que abrem caminho junto com as pioneiras, não raras às são as primeiras nas linhas pesquisa sobre gênero, ingressam nas primeiras turmas das especializações recém-formadas. Depois de passar por esse processo formativo contribuem e se engajam na abertura de novos campos institucionais de produção de conhecimento feminista, criando grupos de pesquisa, criando novos mestrados e doutorados na área, formando novas estudantes feministas.

A partir desse contato com a teoria feminista, passam a escrever a partir de uma vertente feminista, contribuindo com a produção e formação do campo intelectual e de conhecimento. Assim, passam a formar novas gerações, novas linhagens de teóricas feministas dentro dessa área. A produção teórica já é embasada por teorias feministas, mas também existe uma vinculação com temas que são diretamente ligados às reivindicações feministas de uma forma geral, por exemplo: aborto, violência de gênero, corpo, maternidade, etc. Contribuem com a expansão dessa área de conhecimento através da produção teórica e de pesquisas dentro da área. Representam também um momento do feminismo que já ganhou espaço no círculo científico, o qual conta com um reconhecimento institucional que permite a sua discussão como uma área do conhecimento.

Além desse engajamento na criação institucional de produção de conhecimento feministas, essas antropólogas atuam no interior da universidade através de respostas administrativas em relação ao machismo na universidade. São elas que criam a frente para o combate ao assédio nas universidades (tema vibrante no momento no país), criando protocolos, centro de atendimento para as mulheres vítimas de assédio, ou seja, trabalham em órgãos administrativos que procuram coibir essas práticas dentro da universidade. Essas antropólogas se caracterizam por uma produção e uma atuação dentro da esfera da universidade. Além da atuação e da pesquisa sobre o tema, participam de diferentes formas no ativismo da região, tendo contato com movimentos urbanos de

reivindicação de direitos, participam de projetos de criação de legislação na temática de gênero, auxiliam na organização de marchas e protesto, ou seja, sua atuação ocorre de forma vinculada ao movimento feminista de uma forma geral.

Portanto, essa categoria busca evidenciar a influência que feminismo acadêmico têm na produção de novas feministas. Ademais, tentei demonstrar que há uma imbricação entre movimento feminista e academia, para essas mulheres essa imbricação foi vivida, está presente em suas trajetórias, em suas formações, em suas práticas. E entendo que há uma diferença importante em entender que o movimento feminista não se produz apenas na academia, mas que está em contato com outras sujeitas que não estão dentro desse espaço institucional. Porém, como minha pesquisa enfoca especificamente antropólogas feministas é compreensível e lógico que o feminismo acadêmico seja um elemento central para a sua constituição enquanto feminista.

FEMINISMO INDÍGENA

Para responder a pergunta de *quando me tornei feminista*, essas antropólogas enfatizam a emergência do feminismo indígena como ponto crucial para suas declarações enquanto feministas. Por esse motivo elas formam uma categoria distinta das demais, uma vez que tem como elemento agregador o giro teórico e político que ocorre no movimento feminista e que é imprescindível para este reconhecimento. Importante, ainda, destacar que dentro dessa categoria nem todas elas se autoidentifiquem enquanto indígenas, apesar de que existe dentre elas quem se identifique como indígena ou que tenha origem indígena como elementos identitário.

Para essa categoria de antropólogas feministas o que as caracteriza é (a) o trabalho com temas de mulheres indígenas e rurais; (b) a ausência de identificação enquanto feminista no início de suas trajetórias; (c) a ascensão do movimento feminista indígena, trazendo novas agendas e referências teóricas para o feminismo mexicano; (c) a provocação do campo para a autodefinição.

São antropólogas com mais de quarenta anos e que começaram a sua formação durante a década de 1980, porém não foi nesse momento que iniciam a sua trajetória enquanto feministas. O tema de suas investigações passa pelo marcador de mulheres indígenas, particularmente em relação ao espaço rural, mas que não tinham como

elemento teórico o feminismo como referencial. São acadêmicas que produzem pesquisas sobre a temática, mas que apesar de trabalhar com o enfoque nas mulheres não tinham inicialmente um reconhecimento enquanto feministas, principalmente por entenderem que essa categoria não abarcava o que elas pesquisavam. Entendo que esse reconhecimento se faz presente em razão do giro que o movimento feminista mexicano tem em relação esse tema e o levante das mulheres indígenas que passam a se denominar feministas.

Para falar sobre o feminismo indígena se faz imprescindível conhecer o levante Zapatista, de 1994. Esse levante histórico irrompeu no Sul do México, na cidade de San Cristóbal de Las Casas, no estado de Chiapas, em que o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) toma os principais órgãos municipais da cidade e declara a inconformidade com o Estado Mexicano e sua política genocida. Convoca então a população para lutar por demandas que nunca foram satisfeitas: trabalho, terra, alimentação, saúde, educação, independência, liberdade, democracia, justiça e paz (EZLN, 1993). Juntamente com a declaração de guerra emitida pelo ELZN, foram apresentadas as Leis Revolucionárias, que representam os princípios e os horizontes desse movimento. Dentre elas estava a *Ley Revolucionaria de Mujeres*, em que traduzem reivindicações específicas para as mulheres indígenas em relação aos objetivos que eles traçavam para outra sociedade possível¹⁰.

¹⁰ “En su justa lucha por la liberación de nuestro pueblo, el EZLN incorpora a las mujeres en la lucha revolucionaria sin importar su raza, credo, color o filiación política, con el único requisito de hacer suyas las demandas del pueblo explotado y su compromiso a cumplir y hacer cumplir las leyes y reglamentos de la revolución. Además, tomando en cuenta la situación de la mujer trabajadora en México, se incorporan sus justas demandas de igualdad y justicia en la siguiente LEY REVOLUCIONARIA DE MUJERES: Primero.- Las mujeres, sin importar su raza, credo, color o filiación política, tienen derecho a participar en la lucha revolucionaria en el lugar y grado que su voluntad y capacidad determinen. Segundo.- Las mujeres tienen derecho a trabajar y recibir un salario justo. Tercero.- Las mujeres tienen derecho a decidir el número de hijos que pueden tener y cuidar. Cuarto.- Las mujeres tienen derecho a participar en los asuntos de la comunidad y tener cargo si son elegidas libre y democráticamente. Quinto.- Las mujeres y sus hijos tienen derecho a ATENCION PRIMARIA en su salud y alimentación. Sexto.- Las mujeres tienen derecho a la educación. Séptimo.- Las mujeres tienen derecho a elegir su pareja y a no ser obligadas por la fuerza a contraer matrimonio. Octavo.- Ninguna mujer podrá ser golpeada o maltratada físicamente ni por familiares ni por extraños. Los delitos de intento de violación o violación serán castigados severamente. Noveno.- Las mujeres podrán ocupar cargos de dirección en la organización y tener grados militares en las fuerzas armadas revolucionarias. Décimo.- Las mujeres tendrán todos los derechos y obligaciones que señala las leyes y reglamentos revolucionarios.” (EZLN, 1993)

O levante zapatista trouxe um impulso para as discussões sobre a opressão das mulheres indígenas, que foram sendo fomentadas cada vez mais ao longo das últimas décadas no país. Muitos encontros e articulações ocorreram desde então entre mulheres indígenas a nível nacional e internacional, nem todas elas, evidentemente, se colocam como feministas. Essas articulações ganharam força e dinamismo, e alcançaram uma projeção nacional e internacional de modo vertiginoso. “Las identidades étnicas de las mujeres ocuparon el primer plano como nunca antes había visto” (DAMIÁN, 2009, p. 12).

Entre 1994 y el momento actual ha habido infinidad de reuniones y discusiones donde las indígenas han abordado temas como: ha habido infinidad de reuniones y discusiones donde las indígenas han abordado temas como: usos y costumbres, autonomía, derechos de las mujeres, empoderamiento, derechos reproductivos, derechos de los pueblos indios, equidad de género en las que no sólo crece el número sino la red organizativa y el discurso. (DAMIÁN, 2009, p. 20)

Com isso, ficou evidente a pobre resposta que o feminismo mexicano tinha para as indígenas, demonstrando a ausência destas com sua dupla problemática: a de gênero y a do pertencimento étnico (LAU, 2002).

É, a partir dessa crítica ao feminismo mexicano que muitas antropólogas passam a produzir a partir do feminismo. Nas suas trajetórias não se definiam desta forma, justamente por não encontrarem eco dentro do feminismo de suas questões, de seus dilemas, de suas histórias. É então, a partir dessa virada do feminismo que passam a se autoproclamarem feministas e ressignificarem àquilo que faziam até então. É o que podemos perceber pela fala de umas das interlocutoras:

Ya, no sé si era feminista como tal, porque no se enunciava como tal en este momento. Bueno, tal vez sí, **es que las feministas las veíamos como las que trabajan con las mujeres en las ciudades.** Por mucho tiempo todas las que trabajamos con las mujeres rurales veíamos una distancia con las mujeres feministas que trabajaban con el urbano. [Entrevista nº 4]

Assim, apesar de trabalhar com temas que estão ligados ao direito das mulheres por muitos anos, elas percebiam que tratar do feminismo estava ligado às demandas das mulheres na cidade, no urbano. Essa barreira, então, faz com que suas questões não entrem no feminismo como um todo, percebendo-se distante das pautas que eram levantadas. Os temas discutidos até então pelo feminismo mexicano passavam, de certo modo, distante dos temas das mulheres no ambiente rural, e, portanto, não se viam identificadas nessa categoria.

Do mesmo modo, outra interlocutora pontua que sua aproximação com o feminismo se deu propriamente a partir do seu campo e do contato com mulheres indígenas. Desde a década de 1990 que trabalhava com a questão indígena e ao longo de seu trabalho de campo passa a trabalhar com as mulheres indígenas - posteriormente, de modo mais específico, com as lideranças femininas do movimento. Ter como referência teórica o feminismo não foi para ela um interesse acadêmico, mas que emerge da própria organização das mulheres indígenas e do que feminismo que nasce de lá. Assim, ao afetar-se (FAVRET-SAADA, 2005) pelo campo que estava trabalhando passa a se reconfigurar enquanto antropóloga, dialogando com suas interlocutoras que passam a ser também suas referências.

Deste modo, diferente de outras antropólogas que acessam o feminismo a partir dos textos, da teoria, das disciplinas, o feminismo lhe chega a partir da reivindicação das próprias indígenas de se colocarem como sujeitas desse movimento. É através dessa corrente que essas antropólogas moldam seu espaço dentro do feminismo, a partir de teóricas decoloniais e de um feminismo indígena que a adoção dessa perspectiva teórica e política se dá.

G: Y cuando comenzó a decirte como feminista?

V: Yo creo que después del doctorado. Cuando ya leo más y entiendo más lo que yo estoy haciendo, y que estoy me dando cuenta de que efectivamente ni todo es eso feminismo, también hay otra, pues ya pude identificar cuando no, pero sí, yo soy de otro feminismo (Entrevista nº 4).

Portanto, entendo que essa autodefinição passa por um processo de compreender que o feminismo tem muitas linhas teóricas, e que assim, podem se colocar dentro de uma linha do feminismo que não é (ou era) o hegemônico. Deste modo, elas passam a adotar uma autodefinição de feministas quando a categoria feminista começa a serem alargadas para entrar outras mulheres, outras lutas, outras agendas, outros temas.

O ENGAJAMENTO COMO PONTO AGREGADOR

Pensar esse momento de definição identitária como algo marcado nas trajetórias dessas antropólogas é um entrave na compreensão da sua constituição enquanto sujeito, ao contrário, as entrevistadas demonstram que se tratou de um processo, dinâmico, que culmina com essa autodefinição enquanto antropóloga feminista. São distintas as formas de contato com a teoria e o movimento feminista, desde entradas no movimento

feminista desde muito jovens, até conexões com teorias feministas depois de uma carreira já consolidada. Isso demonstra que a identificação enquanto feminista faz parte de um processo identitário complexo, que não ocorre de um momento para outro.

O que pude perceber nessa pesquisa é que existem processos distintos na autodefinição enquanto feminista e nas formas que as teorias feministas são utilizadas e influenciam a produção de conhecimento. Mais do que uma forma similar de participação e apropriação desse material teórico e político, as entrevistadas apresentam histórias de vida particulares quando se trata de feminismo.

Apesar dessas singularidades, as entrevistadas com quem tive contato demonstram um nível de engajamento quanto às questões feministas em distintos locais de atuação, em maior ou menor grau, todas procuram trabalhar com a questão feminista. Seja na academia, a partir de pesquisa, congressos e grupos de pesquisadores, seja nas ruas e nos grupos de autoconsciência, seja nas aulas de temas variados. As antropólogas com quem tive contato expressam o feminismo em locais que encontram e que fazem sentido para problematizar normas de gênero e transformar a situação social. Considero que essa seria uma característica interessante para o movimento feminista de forma microssocial, entender que a mudança não ocorre apenas através de projetos de leis e mudanças estruturais, mas que a própria forma como o feminismo chega e se constitui como parte de quem elas são, faz com que as formas de se portar sejam alteradas em suas diversas frentes de atuação profissional e pessoal.

Nesse sentido, gostaria de evidenciar que a identificação enquanto feministas e suas atuações posteriores a essa autodefinição passam por um processo de diálogo intenso com os movimentos sociais. Em todas as categorias foi de suma importância entender o contexto desses movimentos no México, em um primeiro momento os movimentos de esquerda, passando pelo início e consolidação do movimento feminista e, por fim, o movimento indígena. Todos esses movimentos perpassam a trajetória de antropólogas das três categorias, mas cada um deles se mostra mais importante para cada uma das categorias que criei.

Deste modo, busquei trazer de forma sucinta alguns resultados da minha pesquisa, ao pensar a interligação do feminismo nas trajetórias dessas antropólogas, em que percebo uma diversidade de formas de conexão e momentos distintos de autodefinição.

Por outro lado, também percebo algumas similaridades em suas atuações, em que as teorias feministas produzem uma alteração na forma de atuar, nas suas ações, mas também nos níveis de subjetividade e identidade.

Referências bibliográficas

BARTRA, Eli. El movimiento feminista en México y su vínculo con la academia. **Revista de Estudios de Género**, La Ventana, v. 1, n. 10, p. 214-233, 1999.

BARTRA, Eli; PONCELA, Anna M. Fernández; LAU, Ana. **Feminismo en México Ayer y Hoy**. Ciudad de México: Molinos de Viento, 2002.

BARTA, Eli. **Tres décadas de neofeminismo en México**. In: BARTRA, Eli; PONCELA, Anna M. Fernández; LAU, Ana. **Feminismo en México Ayer y Hoy**. Ciudad de México: Molinos de Viento, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BRIGGS, Charles. **Learning how to ask: A sociolinguistic appraisal of the role of the interview in social science research**. Cambridge University Press, 1986.

DAMIÁN, Gisela Espinosa. **Movimientos de mujeres indígenas y populares en México: encuentros y desencuentros con la izquierda y el feminismo**. *Filosofía, política y economía en el Laberinto*, n. 29, p. 9-28, 2009.

EZLN. **El Despertador Mexicano**, órgano informativo del EZLN, México, 1 de diciembre. 1993.

ESPINOSA, Gisela. **Cuatro vertientes del feminismo en México**. Ciudad de México: UAM Xochimilco. 2009.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. **Cadernos de Campo**, n. 13, p. 155-161, 2005.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso não é um caso. **Revista Brasileira de educação**, v. 10, n. 1, p. 58-78, 1999.

GROSSI, Miriam P. **Na busca do outro encontra-se a si mesmo**. in GROSSI, Miriam et alli (org) **Trabalho de Campo, Ética e Subjetividade**, Florianópolis/Tubarão: Tribo da Ilha/Copiart, 2018.

GOLDSMITH, Mary. Debates antropológicos en torno a los estudios sobre la mujer, en **Nueva Antropología**, n. 30, pg. 149-171, 1986

GOLDSMITH, Mary. Antropología de la mujer: ¿antropología de género o antropología feminista, en **Debate feminista**, n. 6, pg. 341-3, 1992.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial.** Cadernos pagu, n. 5, p. 7-41, 1995.

LAU, Ana. **El nuevo movimiento feminista mexicano a finales del milenio.** In: BARTRA, Eli; PONCELA, Anna M. Fernández; LAU, Ana. *Feminismo en México Ayer y Hoy.* Ciudad de México: Molinos de Viento, 2002.

ALLIER MONTANO, Eugenia. **Presentes-pasados del 68 mexicano: Una historización de las memorias públicas del movimiento estudiantil, 1968-2007.** Rev. Mex. Sociol, México, v. 71, n. 2, p. 287-317, jun. 2009. Disponible en http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-25032009000200003&lng=es&nrm=iso. accedido en 23 sept. 2019.

MOURA, Cristina Patriota de. **Camadas médias, projetos e trajetórias: da diplomacia no Brasil Central à internacionalização chinesa.** MOURA, Cristina Patriota de; CORADINI, Lisabete (orgs). *Trajetórias antropológicas: encontros com Gilberto Velho.* Natal, RN: EDUFRN, 2016.

OLDENBERG, Mirian. **A Arte de Pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

PONCELA, Anna M. Fernández. **Feminismo y opinión pública hoy. Apuntes para una reflexión.** In: BARTRA, Eli; PONCELA, Anna M. Fernández; LAU, Ana. *Feminismo en México Ayer y Hoy.* Ciudad de México: Molinos de Viento, 2002.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

WARMAN, Arturo *et al.* **De eso que llaman antropología mexicana.** Editorial Nuestro Tiempo, 1970.

WEBER, Max. **A Ética protestante e o espírito do capitalismo.** 10. ed. São Paulo: Pioneira, 1996.

WEBER, Max; GERTH, Hans Heinrich; MILLS, Charles Wright. **Ensaio de sociologia.** 1982.

WEBER, Max. **A “objetividade” do conhecimento nas Ciências Sociais** in: Weber, Max. *Max Weber: sociologia/ organizador Gabriel Cohn; tradução Amelia Cohn e Gabriel Cohn.* Publicação 5. ed. São Paulo: Atica, 1991.